

Título: LA LENGUA COLOQUIAL Y LA LENGUA DE LA LITERATURA ARGENTINA.  
Santa Fe, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional  
del Litoral, B 1967, 56 págs.

Autor: N. E. Donni de Mirande

Assunto: O trabalho compõe-se das seguintes partes: Introdução,  
A Geração de 22 e A Literatura Atual e a linguagem. Objetiva "es-  
tabelecer a relação que existe entre a língua comum e a obra de ca-  
ráter literário" no caso particular da narrativa (p. 3).

Após algumas considerações sobre a língua falada e a língua escrita, mostra o A. que há níveis distintos na língua escrita, destacando-se o estrato do narrador e o estrato da personagem. Na literatura contemporânea, a língua da narração e da descrição, é mais tensa, vem sendo deslocada pela das personagens, marcada pelas formas cotidianas da fala coloquial (p. 6). Em face disso, julga o A. que é ocioso "continuar discutindo teorias sobre a língua literária, entendida como algo particular e uniformemente caracterizado por traços arcaizantes, tradicionalmente organizada, e da qual se deva distinguir o estilo criador, como quer C. Bally ou, o que é quase o mesmo, ~~Maximex~~ como um jargão (Mattoso Câmara, Martinet), ou que a língua literária seja um sistema de formas constituído e vivo, norma suprema e modelo de toda outra forma de falar (A. Alonso)" - p. 8. E propõe, em substituição a "língua literária", "língua da literatura", que tem a vantagem de evitar conotações inseparáveis daquela expressão. "Língua da literatura" designaria melhor a nova linguagem da literatura argentina, que após a geração de 22 soube incorporar ~~elementos típicamente nacionais~~ à tradição espanhola elementos tipicamente nacionais: tal é o caso do "voseo", da simplificação do paradigma verbal, da transformação do sistema pronominal e de outros fatos de origem popular.

Coíbe à geração de 22 (Borges, Marechal, Cortázar), com efeito, "ter intentado utilizar a linguagem oral cotidiana com plena lucidez, com intenção estética, e não apenas como mero reflexo da realidade circundante" (p. 11); esse esforço, em suma, não pode ser confundido com ~~uma~~ simples concessão a um estilo mais

pitoresco.

Borges buscou nacionalizar sua linguagem (objetivo a que o A. chama "afã de crioulismo", p. 12), mediante os seguintes processos: derivação de adjetivos, verbos e advérbios a partir de substantivos; transformação de verbos neutros em transitivos e vice-versa; emprêgo da palavra em seu rigor etimológico. Nem sempre imitou a língua coloquial, pois criou também formas lingüísticas novas, considerando ~~que~~ "a criação verbal e a liberdade como elementos básicos da criação artística" (p. 17); traços coloquiais que são encontrados nesse escritor: na fonética, a omissão do -d em usté, o "seseo" em salivasos; na morfossintaxe, o "voseo", a predominância da ~~kkkkkkkk~~ justaposição ("que consegue imitar a desenvoltura e a falta de rigor lógico da fala coloquial", p. 20), o assíndeto, os anacolutos; no léxico, os estrangeirismos, os vocábulos rústicos e os termos suburbanos. Apesar disso, crê o A. que Borges não conseguiu utilizar plenamente a linguagem cotidiana (p. 23).

De qualquer maneira, o exame dos trabalhos de Borges e dos demais escritores de sua geração evidencia o aproveitamento da linguagem coloquial, desembaraçando-se dos impedimentos impostos pela gramática tradicional. Aliás, informa o A. que na Argentina os gramáticos, inspirados no ensino de Ana Maria Barrenechea, "mostram com poucas exceções uma atitude mais flexível no que se refere à nossa peculiaridade idiomática" (p. 33). Quanto aos leitores, sobre aceitarem, ainda exigem o aproveitamento das formas lingüísticas coloquiais, pelo que "a maioria dos literatos atém-se hoje às ~~kk~~ pautas lingüísticas reais na Argentina, fundamentando com suas obras a legitimidade da característica idiomática nacional" (ibidem). Que decorre disso? Renovação do léxico, sobretudo o do diálogo; perda do futuro do subjuntivo; substituição quase geral das formas compostas do passado (he. hube venido) pelas simples (vine) e das subjuntivas em -se pelas em -ra; retrocesso do futuro simples do indicativo diante das formas perífrásticas (voy a ir, tengo que ir, he de ir, etc.); desaparecimento quase total de formas pronominais como tú, vosotros, os, ti, contigo, consigo (p. 34). É certo que ocorram reações de parte

de alguns escritores, ou de gramáticos, mas o A. recomenda que se conduza essa indagação até ao "fundo do essencial e autêntico de nosso ser nacional, sem ~~há~~ temor de uma possível sanção normativa, sem falso pudor nem complexos de inferioridade" (p. 55).

Apreciação: O trabalho de Donni de Mirande traz uma importante contribuição ao estudo da formação da língua literária, que lá como cá vai passando por interessantes experiências. De fato, é curioso notar diversos pontos de contacto entre a experiência argentina e a brasileira. Do lado brasileiro, os poucos trabalhos de que dispomos sobre a questão (Jesus Belo Galvão, M. Cavalcânti Proença, Antônio Houaiss, Josué Montello, J. Mattoso Câmara Jr.) apontam a acolhida que a moderna literatura tem dispensado aos traços lingüísticos coloquiais e populares, bem como a generalização de algumas tendências latentes de evolução lingüística, apreendidas por escritores como Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Ao lado dêsse impulso inovador (e às vezes simultaneamente), registram-se alguns casos de escritores mais dados ao estilo tradicional (como Ciro dos Anjos), donde o conflito entre o canônico e o popular, de que nos fala A. Houaiss (no artigo "Poesia e estilo de Carlos Drummond de Andrade", publicado na revista Cultura, nº 1, 1948, 167-186).

O livro resenhado fornece importantes indicações a quem desejasse descrever nossa língualiterária, aprofundando também o estudo comparativo entre ela e a hispanoamericana. Para isso, conviria preliminarmente adotar uma terminologia tão clara quanto possível, e a do A. creio que provocaria algumas dúvidas: à p. 7 discorre sobre a língua culta, popular, familiar e vulgar, não esclarecendo as diferenças que medeiam entre língua popular e língua vulgar. Outra hipótese de trabalho a ser considerada formulou Ilya Ehrenburg que, comentando as modificações por que passa a língua literária russa, assim conclui: "Por fim, no entanto, a irrupção do jornal no romance estava ligada às pesquisas de uma forma de narrativa moderna" (Memórias Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, vol. II, 1965, p. 194. Oxalá o trabalho de Donni de Mirande suscite entre nós novos estudos da língua coloquial e seu reflexo na literatura contemporânea.

21-12-1968

Título: LA LENGUA COLOQUIAL Y LA LENGUA DE LA LITERATURA ARGENTINA.  
Santa Fe, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional  
del Litoral, B 1967, 56 págs.

Autor: N. E. Donni de Mirande

Assunto: O trabalho compõe-se das seguintes partes: Introdução,  
A Geração de 22 e A Literatura Atual e a Linguagem. Objetiva "es-  
tabelecer a relação que existe entre a língua comum e a obra de ca-  
ráter literário" no caso particular da narrativa (p. 3).

Após algumas considerações sobre a língua falada e a língua escrita, mostra o A. que há níveis distintos na língua escrita, destacando-se o estrato do narrador e o estrato da personagem. Na literatura contemporânea, a língua da narração e da descrição, é mais tensa, vem sendo deslocada pela das personagens, marcada pelas formas cotidianas da fala coloquial (p. 6). Em face disso, julgam o A. que é ocioso "continuar discutindo teorias sobre a língua literária, entendida como algo particular e uniformemente caracterizado por traços arcaizantes, tradicionalmente organizada, e da qual se deva distinguir o estilo criador, como quer C. Bally ou, o que é quase o mesmo, ~~Maxim~~ como um jargão (Mattoso Câmara, Martinet), ou que a língua literária seja um sistema de formas constituído e vivo, norma suprema e modelo de toda outra forma de falar (A. Alonso)" - p. 8. E propõe, em substituição a "língua literária", "língua da literatura", que tem a vantagem de evitar conotações inseparáveis daquela expressão. "Língua da literatura" designaria melhor a nova linguagem da literatura argentina, que após a geração de 22 soube incorporar ~~elementos típicamente nacionais~~ à tradição espanhola elementos tipicamente nacionais: tal é o caso do "voseo", da simplificação do paradigma verbal, da transformação do sistema pronominal e de outros fatos de origem popular.

Coíbe à geração de 22 (Borges, Marechal, Cortázar), com efeito, "ter intentado utilizar a linguagem oral cotidiana com plena lucidez, com intenção estética, e não apenas como mero reflexo da realidade circundante" (p. 11); êsse esforço, em suma, não pode ser confundido com ~~uma~~ simples concessão a um estilo mais

pitoresco.

Borges buscou nacionalizar sua linguagem (objetivo a que o A. chama "afã de crioulisto", p. 12), mediante os seguintes processos: derivação de adjetivos, verbos e advérbios a partir de substantivos; transformação de verbos neutros em transitivos e vice-versa; emprêgo da palavra em seu rigor etimológico. Nem sempre imitou a língua coloquial, pois criou também formas lingüísticas novas, considerando ~~que~~ "a criação verbal e a liberdade como elementos básicos da criação artística" (p. 17); traços coloquiais que são encontrados nesse escritor: na fonética, a omissão do -d em usté, o "seseo" em salivasos; na morfossintaxe, o "vosão", a predominância da ~~kkkkkkkk~~ justaposição ("que consegue imitar a desenvoltura e a falta de rigor lógico da fala coloquial", p. 20), o assíndeto, os anacolutos; no léxico, os estrangeirismos, os vocabúlos rústicos e os termos suburbanos. Apesar disso, crê o A. que Borges não conseguiu utilizar plenamente a linguagem cotidiana (p. 23).

De qualquer maneira, o exame dos trabalhos de Borges e dos demais escritores de sua geração evidencia o aproveitamento da linguagem coloquial, desembaraçando-se dos impedimentos impostos pela gramática tradicional. Aliás, informa o A. que na Argentina os gramáticos, inspirados no ensino de Ana Maria Barrenechea, "mostram com poucas exceções uma atitude mais flexível no que se refere à nossa peculiaridade idiomática" (p. 33). Quanto aos leitores, sobre aceitarem, ainda exigem o aproveitamento das formas lingüísticas coloquiais, pelo que "a maioria dos literatos atém-se hoje às ~~kk~~ pautas lingüísticas reais na Argentina, fundamentando com suas obras a legitimidade da característica idiomática nacional" (ibidem). Que decorre disso? Renovação do léxico, sobretudo o do diálogo; perda do futuro do subjuntivo; substituição quase geral das formas compostas do passado (he. hube venido) pelas simples (vine) e das subjuntivas em -se pelas em -ra; retrocesso do futuro simples do indicativo diante das formas perifrásticas (voy a ir. tengo que ir. he de ir. etc.); desaparecimento quase total de formas pronominais como tú, vosotros, os. ti, contigo, consigo (p. 33). É certo que ocorram reações de parte

Comparar  
com meus  
resultados

de alguns escritores, ou de gramáticos, mas o A. recomenda que se conduza essa indagação até ao "fundo do essencial e autêntico de nosso ser nacional, sem ~~h~~ temor de uma possível sanção normativa, sem falso pudor nem complexos de inferioridade" (p. 55).

Apreciação: O trabalho de Donni de Mirande traz uma importante contribuição ao estudo da formação da língua literária, que lá como cá vai passando por interessantes experiências. De fato, é curioso notar diversos pontos de contacto entre a experiência argentina e a brasileira. Do lado brasileiro, os poucos trabalhos de que dispomos sobre a questão (Jesus Belo Galvão, M. Cavalcanti Proença, Antônio Houaiss, Josué Montello, J. Mattoso Câmara Jr.) apontam a acolhida que a moderna literatura tem dispensado aos traços lingüísticos coloquiais e populares, bem como a generalização de algumas tendências latentes de evolução lingüística, apreendidas por escritores como Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Ao lado desse impulso inovador (e às vezes simultaneamente), registram-se alguns casos de escritores mais dados ao estilo tradicional (como Ciro dos Anjos), donde o conflito entre o canônico e o popular, de que nos fala A. Houaiss (no artigo "Poesia e estilo de Carlos Drummond de Andrade", publicado na revista Cultura, nº 1, 1948, 167-186).

O livro resenhado fornece importantes indicações a quem desejasse descrever nossa língualiterária, aprofundando também o estudo comparativo entre ela e a hispanoamericana. Para isso, conviria preliminarmente adotar uma terminologia tão clara quanto possível, e a do A. creio que provocaria algumas dúvidas: à p. 7 discorre sobre a língua culta, popular, familiar e vulgar, não esclarecendo as diferenças que medeiam entre língua popular e língua vulgar. Outra hipótese de trabalho a ser considerada formulou Ilya Ehrenburg que, comentando as modificações por que passa a língua literária russa, assim conclui: "Paradoxim, no entanto, a irrupção do jornal no romance estava ligada às pesquisas de uma forma de narrativa moderna" (Memórias Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, vol. II, 1965, p. 194). Oxalá o trabalho de Donni de Mirande suscite entre nós novos estudos da língua coloquial e seu reflexo na literatura contemporânea.